

**UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
CENTRO DE ESTUDOS SUPERIORES DE PARINTINS
NÚCLEO DE ENSINO SUPERIOR DE NOVO ARIPUANÃ
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA**

JUSSARA BRASIL MENEZES

**A TRADIÇÃO DE BENZER E PUXAR EM NOVO ARIPUANÃ: UM RELATO
DE EXPERIÊNCIA SOBRE PESQUISA EM HISTÓRIA**

Novo Aripuanã
2024



JUSSARA BRASIL MENEZES


ATRADIÇÃO DE BENZER E PUXAR EM NOVO ARIPUANÃ


Um relato de experiência sobre pesquisa em História


Trabalho final, apresentado a Universidade do Estado do Amazonas - UEA, Centro de Estudos Superiores de Parintins - CESP, defendido no Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, como parte das exigências para a obtenção do título de Licenciado (a) em História, sob a orientação do professor Me. André Luiz Passos Araújo.

Novo Aripuanã, 30 de novembro de 2024.

BANCA EXAMINADORA


Prof. Me. André Luiz Passos Araújo
Professor Orientador


Prof. Me. Sebastião Janderson Torres da Silva
Membro


Prof. Esp. Gilmar Palheta de Menezes
Membro

**A TRADIÇÃO DE BENZER E PUXAR EM NOVO ARIPUANÃ: UM RELATO DE
EXPERIÊNCIA SOBRE PESQUISA EM HISTÓRIA**

*Jussara Brasil Menezes¹
André Luiz Passos Araújo²*

RESUMO: A atividade de benzer e puxar é algo muito antigo na sociedade, em especial na Amazônia. Entender como esses trabalhos são dinamizados em uma comunidade é muito importante, visto a relevância social que desempenham enquanto elementos constitutivos da tradição local. Assim, este relato de experiência no formato de pesquisa histórica descreve o processo de uma pesquisa sobre o tema em Novo Aripuanã-AM, de modo a expor essa prática da investigação científica como importante fator da formação do profissional de História. O trabalho foi desenvolvido a partir do método da História Oral, servindo-se de 05 entrevistados que ofereceram suas narrativas como suporte de análise, já que o objeto não possui relação com instituição que produza documentação oficial/formal e seja, basicamente, constitutivo de uma prática passada de geração em geração pela oralidade. Ao longo do processo de pesquisa, concluiu-se que diante da literatura que trata do tema em outras regiões da Amazônia, o ato de benzer e puxar possui características peculiares, muito próprias da cidade, principalmente no tocante a formas e conteúdos. Percebe-se ainda como essas atividades ainda são relevantes para a comunidade e como se concentram fortemente em herança familiar pautadas na caridade e no sincretismo de crenças.

Palavras-chave: Benzer. Puxar. Crença. Tradição Popular.

1. Introdução

A procura pelo bem-estar e pela saúde plena é algo constante entre todos os seres humanos, pois se algo do corpo está funcionando em descompasso causa desconforto, dor e sofrimento. Para a cura dos males, muitas são as opções hoje em dia que vão desde dirigir-se a uma Unidade de Saúde, a uma farmácia ou até mesmo, a sujeição de procedimentos, fármacos e rituais vistos pela ciência médica como pouco convencionais. As práticas de benzer e puxar encaixam-se nessa última categoria e colocam-se como um procedimento muito requisitado nos dias de hoje. Benzer e puxar são uma saída prática, pouco evasiva e geralmente encontra-se à disposição a qualquer hora do dia, surgindo daí, talvez, a sua popularidade.

¹ Graduanda do curso de Licenciatura em História, Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. *E-mail:* jussara.juliadanielle@gmail.com

² Professor Assistente do Curso de Licenciatura em História do Núcleo de Ensino Superior de Novo Aripuanã – NESNAP, Universidade do Estado do Amazonas – UEA. Mestre em História Social pelo Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal do Amazonas – PPGH/UFAM. *E-mail:* luizpassos_am@yahoo.com.br

O ato de benzer, feito por um benzedor ou benzeira caracteriza-se, grosso modo, pela utilização de preces somados a gestos e o uso de algumas plantas ou ervas, num ritual que visa proporcionar a cura e o bem-estar da pessoa doente. Muitos acreditam que tal ação é folclore, mas existem muitas pesquisas científicas no campo da espiritualidade na prática clínica que apontam seus efeitos em alguma dimensão. (Diniz, 2020).

Já o ato de puxar, efetuado por um puxador ou puxadeira, consiste em massagens por partes machucadas do corpo nos casos de torções, distensões musculares, problemas nas articulações, contusões e luxações, as conhecidas desmentaduras. São eles que colocam os ‘ossos no lugar’ em pessoas que se machucaram, por exemplo, em uma queda durante o trabalho ou em um jogo de futebol. Esses mesmos agentes também atendem mulheres grávidas, no sentido de ‘ajeitar a criança’ no ventre da mãe”. (Carvalho, p. 01, 2011).

Ambos os ofícios, são bastante presentes no município de Novo Aripuanã, com a existência de atividades de benzeiras e puxadeiras aos comunitários de maneira quase que constante, sendo facilmente atestados nas músicas locais, nas conversas sobre dores no corpo, ou enjoos, e outros males. É um trabalho informal que não se concentra em burocracias ou registros de documentação oficial, pois não exige nada além do que a relação direta do adoentado e daquele que vai curá-lo. Portanto, os registros dessa atividade repousam na tradição e nas memórias dos indivíduos que a praticam, sendo difícil estabelecer estatísticas, leituras objetivas e manuais de treinamento e formação de novos puxadores e/ou benzeiros.

Diante dessa realidade, esse relato de experiência tem significativa importância, pois deixa registrado uma pesquisa que se debruçou sobre o assunto de forma a compreendê-lo e atestar sua passagem pelo tecido do tempo e do espaço. Assim, é possível traçar uma trajetória dessas práticas, bem como sua permanência durante o tempo, e especialmente, entender isso sobre o olhar dos próprios agentes que realizam tal atividade.

As benzeiras(o) e puxadeiras(o) são pessoas que fazem o bem. Suas atividades são bastante presentes no município de Novo Aripuanã, e, apesar do tempo e dos avanços da medicina, continuam a resistir como representantes de um dom divino.

Para fazer esse registro e compreender os meandros dessas atividades, foi utilizado o método da História Oral a partir das propostas e procedimentos de Meyhi (2020), valorizando as memórias dos entrevistados ligados diretamente com a temática desse estudo. Os resultados são fruto das análises de gravações de entrevistas com os sujeitos que praticam essa

modalidade de assistência de cura, tornando as narrativas sobre seu ofício em fonte orais valiosas.

Para compreensão do objeto de pesquisa proposto, este relato foi dividido em 03 partes, sendo a primeira, “Algumas considerações sobre a prática de benzer e rezar”, onde se trata de maneira geral sobre a benzeção e puxação; Aprender a puxar e benzer: um saber da tradição, no qual se descreve como foi o início dessas atividades para cada um dos entrevistados, ou seja, a forma em que aprenderam e adquiriram essas práticas, bem como a tradição de benzer e puxar; Benzedeiros e puxadores: “Médicos da Fé”, que retrata sobre a procura da população por esse meio alternativo, para aliviar suas dores, como também a fé depositada a eles na obtenção da cura.

2. Procedimentos metodológicos

Entender como ocorre a atividade das(os) Benzedeiras(os) e Puxadeiras(os) se faz necessário a partir de sua relevância social e cultural para os moradores de determinados locais, incluindo o município de Novo Aripuanã. Para levantar as informações que explicam esse contexto, este relato de experiência destaca o método da História Oral como recurso essencial, uma vez que não existem documentos dessas práticas, já que ocorrem de maneira informal e sua existência na comunidade ocorre por meio da tradição.

Assim, buscou-se registrar essa trajetória a partir narrativa de pessoas que trabalham com a prática de benzeção e puxação. Essas narrativas foram colhidas a partir dos procedimentos indicados por Meihy (2020) que foram: a gravação, feita por meio digital com uso de celular; seguida pela transcrição, que é o processo de transposição do material em áudio para o escrito mantendo a originalidade da gravação com todos os vícios de linguagem, repetições, etc.; a textualização, onde o texto transcrito é adaptado para uma leitura mais fluida; e, finalmente, a análise, onde tem-se as fontes prontas para a produção do texto final da pesquisa. Esse procedimento é importante, para manter o rigor da produção das fontes orais, uma vez que a história oral não é “apenas [...] um ato ou procedimento único. História Oral é a soma articulada, planejada, de algumas atitudes pensadas como um conjunto” Meihy (2020, p. 14).

É importante destacar que as narrativas são um veículo pelo qual a memória dos entrevistados pode ser acessada. É na fala deles que podemos reconhecer, suas práticas, sua trajetória, e principalmente, identificar traços de sua identidade como pessoa que pertence ao

objeto pesquisado. Assim, “as narrativas são traduções dos registros das experiências retidas, contém a força da tradição e muitas vezes relatam o poder das transformações. História e narrativa, tal qual História e memória se alimentam”. (Delgado, 2003, p.23).

Dessa forma, a memória é um componente fundamental no trabalho com a História Oral, uma vez que se pode verificar uma relação entre as narrativas e com isso identificar a memória coletiva sobre o tema.

Assim, para alcançar essa proposta, foram realizadas 05 entrevistas com pessoas que exercem a atividade no município de Novo Aripuanã, as quais: Maria Caridade (Caridade), 60 anos, benzedeira, puxadeira e parteira; Francisca Brasil, 54 anos e Ternila Lima Rodrigues, 52 anos, ambas puxadeiras; Nilmo Nascimento Brasil (Rico), 65 anos, benzedor; e Antônio Rodrigues Paes (Fumaça), 84 anos, benzedor e puxador. De posse dessas informações partiu-se para as análises e resultados a seguir.

3. Algumas considerações sobre a prática de benzer e puxar

É importante se pensar que a Amazônia traz em seu bojo cultural uma infinidade de práticas e saberes próprios de cada lugar, e isso faz com que essa grandeza de conhecimentos se coloque como um recurso praticamente infinito (Sarmiento, 2023). Isto pode ser aplicado ao universo de saberes curativos que se organizam na prevenção e proteção contra males do corpo e da alma.

Esse conjunto de conhecimentos resulta das interações do ser humano com outras culturas e com a biodiversidade do território em que habita, compondo formas específicas de identificar problemas e solucioná-lo. Nesse sentido, é importante compreender a atuação dos saberes e das ações de cura no dia a dia das comunidades, uma vez que eles estão relacionados com um conjunto de valores e significados que fazem parte da identidade da cultura local (Rankings, 2023).

A constituição de membros da comunidade que se dedicam ao ofício de curar – seja pela benzeção, seja pela puxação, – não foge à máxima da influência da tradição, do conhecimento passado de geração em geração e da relação com a natureza. Além disso, outro fator importante a ser destacado é que a realização das atividades de cura carrega traços fortemente marcados por uma religiosidade, que, de certa forma, dão significados os seus saberes (Tambiah, 2018, p. 64).

Especificamente, acredita-se que o estudo da benzeção permite reflexões importantes sobre as experiências religiosas como promotora de sentido para a vida, possibilitando explicações para os acontecimentos do cotidiano (Oliveira, 1985). Assim, segundo (Bezerra, 2005, p. 26), o ofício da(o) benzedeira(o), situa-se como parte de uma oferta de serviços para cura de males que ocorrem no cotidiano das pessoas pertencentes à mesma classe social da benzedeira(o), fortalecendo esses laços e adaptando a aplicação de soluções que corresponda com as possibilidades de quem é atendido. Assim, o ato da benção pode ser visto como um ritual de aproximação dos seres humanos com o sobrenatural, no caso, do deus cristão, para trazer coisas boas, afastar o mal e trazer a cura, gerando laços de solidariedade entre os comunitários que se servem dessa prática.

Em relação à puxação, consiste em uma prática realizada por muitas populações tradicionais para tratamento de diversas lesões musculares, torções e luxações. Assim, “os puxadores (puxadeiras) trabalham nas regiões lesionadas do corpo em caso de torções, distensões musculares, problemas nas articulações, contusões, luxações e todo tipo de baques que resultam em alterações anormais no corpo que são conhecidas como desmentiduras” (VAZ, FILHO, 2016). Também é um saber que possui estreita ligação com a tradição popular e, tal qual a benzeção se coloca, não só como uma forma de atender as populações mais vulneráveis economicamente, mas também como alternativa mais prática e rápida que a medicina convencional.

Nesse sentido, percebendo que a busca de alívio do sofrimento consiste em uma espécie de demanda, a atividade de puxar e benzer ainda encontra sentido na comunidade novo aripuanense e se coloca como importante alternativa para a população como um todo.

4. Aprender a puxar e benzer: um saber da tradição

Os saberes que constituem o ato de benzer e puxar não podem ser explicados fora da ideia de transmissão de geração em geração por meio da tradição. Assim, as(os) puxadoras(es) e benzedeiros(os) de Novo Aripuanã aparecem como exemplo dessa afirmativa, uma vez que, ao analisar suas narrativas, podemos perceber que o ato de aprender o ofício necessita de uma direção que pode ser dada tanto pela dimensão espiritual/religiosa, quanto pela orientação oral.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Na dimensão espiritual, pode-se compreender o papel da tradição a partir dos elementos de uma moral que, ao interpretar a ofício como um dom recebido gratuitamente de Deus deve ser distribuído da mesma forma, ou seja, como um serviço de caridade e compaixão.

Na dimensão da oralidade, o ofício é aprendido – como herança familiar – por meio da instrução, que se materializa em uma relação mestre e aprendiz. Objetiva atender prioritariamente à família e, em consequência, à comunidade.

O momento em que esse saber começa a ser construído no sujeito, aparece de maneiras muito particulares e em idades muito diferentes. A fala de dona Ternila Lima, por exemplo, demonstra que tudo começou ainda na infância:

Eu desde pequena que eu faço essa puxação, essa pega de desmentidura [...] Já veio de berço. Quando eu me entendi, desde quatro anos eu começava a fazer massagem. Aí foi até hoje. [...] Aprendi com o meu pai e meu avô. O meu pai ele benzia e o meu avô ele puxava [...] [e] benzia. (Entrevista com a Sra. Ternila Lima).

Vale também observar a fala de dona Francisca Brasil onde a questão da tradição e da transmissão do saber de geração em geração se apresenta de forma explícita e se impõe a ela a partir de um momento ainda muito cedo de sua vida. O destaque sobre o fato de sua família morar na zona rural, revela a necessidade desse conhecimento como forma de dar suporte aos possíveis problemas que possam ocorrer em casa.

Bem... de início eu me descobrir quando eu tinha meus 9 anos de idade, que eu fui criada pela minha avó, também que a minha tataravó era puxadeira. A minha avó, em seguida a minha mãe. Então, pela necessidade da gente morar na zona rural, quando a minha mãe adoecia não tinha quem fizesse isso pra ela e a gente... ela mandava a gente puxar ela. Ensinava a gente como que era como que não estava se sentindo e a gente tinha por obrigação na época. Por ser a filha mais velha, eu tinha que dar conta da minha mãe né (Entrevista com a Sr. Francisca Brasil).

Essa perspectiva do aprendizado a partir de uma necessidade também encontra razão na fala do Sr. Nilmo Nascimento Brasil (Rico), que relata o fato de ter iniciado o aprendizado pela necessidade de alguém que pudesse ajudar em um caso de doença na família. Uma peculiaridade em sua iniciação foi o fato de que no ato do aprendizado Rico recebe uma revelação, um ensinamento das rezas que deveria fazer para atender às necessidades familiares e que mais tarde se estenderia para a comunidade.

Ah, esse ofício eu aprendi com a minha mãe. [...] Meu irmão estava doente, Neto, doente, né. Aí ela me ensinou a rezar, para eu rezar nele. Aí eu rezei, quando foi na noite que ela me ensinou, aí veio uma velha sentando na beira da rede, que eu não sei quem era, e me ensinou direitinho [entrevistado chorando]. Minha mamãe tinha me ensinado a rezar, meu irmão. Aí eu rezei, e até hoje eu não me esqueci. Essa reza, até hoje eu não me esqueci (Entrevista com o Sr. Nilmo Brasil).

Seu Antônio Paes (Fumaça), puxador e benzedor oferece uma narrativa que descreve duas formas de aprendizado, já que é versado nas duas práticas. É interessante como ele aponta essas experiências: uma que é essencialmente pautada na prática, com exercícios a serem cumpridos e repetidos; outra que se demonstra por meio de revelação, em um contexto místico, com uma relação direta com sobrenatural que o guia para ir ao encontro das rezas e dos remédios assertivos para os males de quem a ele recorre em busca de ajuda. Vale observar o detalhe do relato pela peculiaridade, riqueza e engenhosidade da narrativa.

Eu comecei a fazer essas atividades desde 15 anos. [...]Eu aprendi com o senhor. [...] Eu vi ele pegar desmentidura e eu falei pra ele. Meu tio Pedro, eu queria aprender a pegar. Ele disse, vai ali, ó. Tinha uma touceira de maniva bem perto do canto da casa. Ele disse: vai ali e quebra três braços de maniva e traga aqui. Aí eu fui lá e quebrei os três braços de maniva. Trouxe e ele quebrou tudinho, pra lá e pra cá, pra lá e pra cá. [...] Aí ele disse: agora você pega e vai emendar. Aí eu fui emendar. Fui emendendo, fui emendendo. Quando chegou no meio, emendei até no fim. Aqui no meio ficou uma torturinha, ele disse. Pode desmanchar. Aqui está errado, não está no lugar. Aí eu desmanchei e fui ajeitando até que ajeitou. Ficou direitinho os braços. Quebrei o outro, quebrei de novo. Aí já fui eu que quebrei. [...] Aí ele mandava eu emendar tudinho. Um mês eu fazendo isso. Hoje eu chego, se a senhora estiver doente, está com o braço descolocado, eu sei como colocar. Porque eu já sei como é que é. Entendeu? E assim eu fui aprendendo as coisas, né. Fazendo (Entrevista com o senhor Antônio Paes).

Percebe-se nesse processo o interesse do Sr. Antônio em praticar e aprender como fazer, denotando uma curiosidade que, não parece ter relação com pressão sobre aplicar o saber da puxação por uma necessidade familiar. Já em relação ao ato de benzer, a narrativa se direciona para o campo do chamado, da revelação e da aceitação do dom que recebera:

Aí um dia [...] fui [...] numa banca [...] do cunhado que eu tinha. Apareceu um índio. [...]Aí ele falou para mim: se você tem um guia, esse guia vai ensinar tudo que você vai fazer. E foi verdade. Então, hoje eu faço essas atividades pelo intermédio dele. [...] Aí chega aquele tempo que diz assim, aquela mulher está desse jeito assim e assim, aquele rapaz está desse jeito, você não benze não. Aí eu não faço nada, né? Deixa [...] passar aquele momento, aquele horário, né? Para poder fazer. E é assim a minha atividade.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

Até hoje, graças a Deus, é o que eu estou falando. Me sinto muito feliz.
(Entrevista o senhor Antônio Paes).

Ao contrário das demais experiências, vale observar a declaração de dona Caridade, em que tudo parece ocorrer de forma automática. Não se observa qualquer fator intervindo no desenvolvimento de suas habilidades de atendimento em puxar e benzer, embora sua mãe fosse acostumada a essas atividades. Na sua perspectiva, relata que tudo começou a partir de um evento em que se viu apta a prestar socorro a uma criança, como explicita o relato a seguir:

Para eu começar isso, foi uma criança que tinha caído[...]A mãe pegou, ele tava todo desmintido, aí ela levou pra mim. Mana, puxa meu filho. Caiu! Aí eu peguei a criança, assim, [...] Comecei a tocar nele, aí eu entendi que tinha desmentidura. E aí, eu comecei pegar, e depois eu comecei rezar, Ta! Aí a mãe levou pra casa, depois no outro dia ela voltou. Mana, meu filho está bem. Ficou bem? Está! Isso aconteceu, em 2009, quando eu fui realmente assumir, depois que a minha mãe faleceu. (Entrevista com a Sra. Maria da Caridade Aquino Silva).

Diante dos relatos, é perceptível que cada habilidade acontece de maneira diferente nos indivíduos, pois depende sempre de sua condição de necessidade, ou de algum dom, ou ainda por algum chamado. Apesar disso, pode-se compreender que existem diferenças quanto à forma de adquirir essas habilidades: no caso da puxação, ela ocorre a partir de uma prática cotidiana em que o sujeito, treina das formas mais diversas e vai conhecendo o corpo humano, em uma dinâmica progressiva. Em relação à benzeção, o aprendizado sempre acontece por meio do despertar de um dom, que pode ser revelado e conduzido por uma entidade (guia) ou apenas sentido, sem a orientação direta de um guia, mas como uma revelação de dentro pra fora do sujeito.

E digo pra ele [Deus], senhor me usa como teu instrumento. Então, eu acredito muito que a minha religião está firme, naquilo que eu sou, e que eu sei, e que eu não aprendi, mas, eu sei, ninguém me ensinou, mas eu sei, entendeu? (Entrevista com a Sra. Caridade)

Independente da forma como o aprendizado acontece, é importante sempre destacar que sem a presença do elemento tradição e fé não há como estabelecer os sentidos e as finalidades da habilidade que se aprende. É primordial para que as práticas sejam reconhecidas – tanto por quem oferece quanto por quem recebe – a crença de que as rezas e as puxações funcionam.

A organização dessas práticas em torno da tradição garante a que os conjuntos de valores e crenças estejam alinhados e destinados a servir. Apesar disso, é notório que os depoentes expressam uma preocupação em relação ao futuro do trabalho de benzer e puxar, pois percebem uma espécie de enfraquecimento da ideia de tradição que vai sendo substituída por outros valores ou interesses fazendo dois movimentos distintos: um que compreende a falta de pessoas que queiram ensinar e que tenha o dom, e o outro que compreende que as novas gerações ignoram os sinais, os chamados e as necessidades de aprender.

Acho que é porque tá acabando a tradição, porque muitas pessoas já morreram, não ensinaram, e os que sabem e não gostam de ensinar, e aí no caso, isso daí é um dom, porque quem dera se a gente pudesse ensinar várias pessoas, mas não, vem de dom. (Entrevista com a Sra. Ternila)

Os antigamente estão morrendo tudo [...] Os novatos não querem aprender. Ainda tem[...] vários ainda que benze. Tem ali o Soni, tem a Tia Lédia. [...] É contado que tem... Tem seu Adonai ali, a Didica, filha dele, que passou tudo para ela. Dos meus nenhum. [...] Mamãe disse que vai ensinar, vai passar tudo para a Neliandra, ela pulou lá longe. (Entrevista com a Sr. Nilmo Brasil)

As narrativas expressam, dessa forma, a disposição de poucas pessoas com essas habilidades, e isso se dá, em certa medida, por conta de alguns desses profissionais não terem passado seus saberes para a geração seguinte. Do outro lado, a negação da pessoa da família que não se dispõe a seguir essa tradição, muitas das vezes devido à falta de tempo expressas pela rotina do trabalho, como também pela perda do senso de responsabilidade em se doar na ajuda das pessoas.

Desse modo, apesar do enfraquecimento da tradição, essa herança familiar permanece e continua se disseminando, mesmo que de forma discreta, pois ainda existem pessoas que buscam essa alternativa de curar seus males. Essa é uma preocupação visível desses profissionais, pois é nítida a impressão de que, em um curto espaço de tempo, não haverá mais pessoas que possam dar continuidade a esses trabalhos.

5. Benzedeiros e puxadores: “Médicos da Fé”

É notável o fato de que a população de Novo Aripuanã ainda deposita nas (os) benzedeiros(os) e puxadeiras(es) uma importância significativa. Isso acontece por uma série de motivos, mas pode-se destacar basicamente dois neste trabalho: o primeiro reflete o fato de

que existem males que a ciência convencional não reconhece como capazes de produzir qualquer dano à saúde. Um exemplo disso é o chamado quebranto, onde não existe diagnóstico para definir os sintomas que as pessoas apontam que uma criança apresenta, e daí recorrem aos benzedores. O segundo fator se dá pela praticidade e ausência de complicação para atendimentos imediatos, como ocorre em casos de torção onde o indivíduo prefere dirigir-se ao puxador em vez de enfrentar burocracia nos hospitais.

Nesses dois casos, a figura dos benzedores e puxadores aparecem como uma alternativa prática, barata e altamente confiável. Essa confiança reside no fato de que esses sujeitos reconhecem os limites de suas práticas e recomendam em caso de alta complexidade a busca pelo tratamento convencional. Isso fica claro no depoimento da Sra. Francisca Brasil explica:

...a maioria são jovens, e pessoas de idade, as vezes que cai escorrega, porque muitas das vezes eu mando primeiro fazer, é ir no médico, quando é de queda assim, pra fazer um raio x para ver se não tem alguma fratura, se não tiver nenhuma fratura eu consigo colocar qualquer deslocação, quando tem eu já nem mexo, porque eu tenho medo que tenha uma fratura e eu mando logo pro médico (Entrevista com a Sra. Francisca Brasil).

Apesar de Francisca indicar o uso da medicina convencional como alternativa mais adequada, reconhecendo o mérito da ciência médica como saber mais especializada e dotado de técnicas diversas, é recorrente nos discursos que o mesmo não acontece de forma inversa, onde os médicos desaconselham e desencorajam a busca pelas puxadoras e benzedoras.

...as vezes até os próprios médicos, desconsideram que tem um puxador que as vezes quando acontecem com o paciente, é eles dizem que não é para o puxador pegar, não é para procurar puxador. E muitas das vezes eles passam pelo médico, fazem fisioterapia, faz tanta da coisa e vem acabar nas mãos da gente, e Deus abençoa a gente, que consegue a saúde dessas pessoas (Entrevista com a Sra. Francisca Brasil).

Dentro da perspectiva científica é normal que esse tipo de posicionamento seja comum, pois as práticas alternativas de tratamento não passam pelo crivo do método científico e se baseiam, como dito anteriormente, na fé. É isso que faz com que as pessoas, desenganadas pelas práticas convencionais, busquem socorro nos benzedores e puxadores, perfazendo, nesse momento, o movimento contrário, ou seja, partindo do hospital para os atendimentos alternativos. É sobre isso que a Sra. Francisca se reporta no depoimento anterior, que é reiterado pela narrativa do senhor Antônio, a seguir:

Aí veio uma senhora de lá do hospital, aqui na porta da minha casa. Pelo amor de Deus, me ajude. Estou olhando para ela. Por que eu posso lhe ajudar? Minha filha está morrendo no hospital, e o médico está lá, não quer dar encaminhamento. Fui lá. Meio desconfiado, porque o médico não gosta disso, né? Mas eu fui. Quando fui, passei aqui à tarde, lá quase às 6h. Depois do médico sair, eu passei lá até umas 9h e vim embora. Quando foi de manhã, ela chegou aqui. Seu Antônio, quanto é que custa o seu trabalho? Eu disse, minha preta não custa nada não. Por que? Porque hoje mesmo o médico deu alta da minha filha, que minha filha está boa. É tudo bem, graças a Deus eu disse. Tá bom, quanto é que o senhor quer? Eu digo, eu não quero nada. Não quero nada, não. E várias e várias pessoas que têm chegado aqui para me ir lá. Eu não vou lá no hospital, porque o médico não gosta. Mas quando der a folga [...]eu vou lá (Entrevista o Sr. Antônio Paes)

O término da fala do Sr. Antônio revela mais um importante aspecto do trabalho dos benzedeiros e puxadores: a cura pela caridade. Em nenhum dos entrevistados foi atestada a cobrança pelos seus serviços de cura. Isso ocorre pelo fato de que a tradição dessas atividades compreende que tal qual o dom e o aprendizado foram oferecidos e revelados gratuitamente, assim eles devem ser aplicados na comunidade. Esses sujeitos, nesse sentido, se entendem como instrumentos divinos, cuja missão é aliviar o sofrimento das pessoas.

E quando precisam de mim, quando é de idade, não pode andar eu vou até a casa do paciente puxar, e as vezes Deus concede né e a gente consegue a saúde, e as vezes vem até minha casa também bastante gente [criança, falando no quintal] e graças a Deus até hoje, eu não cobro nada também, eu não, meu dom não é pra mim cobrar, porque o que Deus dá pra gente é sabedoria, e não é pra gente vender, é pra gente dar, então eu não cobro nada não. O meu trabalho é sobre tato da minha mão, que eu sei quando eu pego, eu sei se está deslocado ou não, se tem alguma deslocação eu coloco, se não tiver eu também não mexo, porque não é do meu conhecimento (Entrevista com a Sra. Francisca).

Não, nunca cobreí, tem que defender de nunca cobrar. É um dom que Deus me deu e eu não cobro. Não, e toda vez eu não gosto, eu não gosto de aceitar (Entrevista com a Sra. Ternila).

Ternila é enfática em sua fala sobre a questão do pagamento pelo serviço. Não se pode cobrar pois um dom gratuito que deve ser distribuído da mesma forma sob pena de perda dessa das habilidades. Porém, abre margem para revelar que existe uma forma de retribuição pela cura, mas que deve acontecer de forma voluntária, ou seja, a pessoa atendida pode fazer uma oferta, que nem sempre é aceita.

O fato da não retribuição dos atos de rezar e puxar revela um laço de solidariedade, compaixão e compreensão da realidade das pessoas da comunidade, já que é necessário

perceber também que nem todos possuem recursos para tal. Isso leva a outra característica interessante: a aplicação de elementos naturais abundantes nos quintais para os rituais de reza ou como ingrediente para receita de medicamentos, demonstrando a preocupação de um custo zero ou, dependendo, custo baixíssimo:

Mas, olha, eu tenho um negócio comigo, se eu ensinar um remédio... Essa [...] minha vizinha sofreu uma dor de cabeça incrível. Aí eu disse, espera lá, [...] que eu vou já fazer um remédio para ti. Aí, me esmaguei uma Dorflex, misturei com a pasta, peguei uma folha de mucuracai no quintal, aí colei na fonte dela. Até hoje, nunca mais sofreu dor de cabeça. Sumiu a dor de cabeça dela (Entrevista com o Sr. Ricó).

...Eu gosto de usar, a folha da arruda, eu gosto de usar, é, a vassourinha, né? Que aqui quase a gente não vê, mas, lá no meu interior que eu morava era só o que a gente usava. [...] A folha do pião roxo, mas eu creio que é no sentido assim, porque tudo foi feito das obras da mão de Deus, né? Então, tudo eu creio que é abençoado por Deus, e eu no meu conhecimento eu uso como uma benção de Deus, né? Obra dele, que ele criou, tudo que ele fez, eu vejo assim, não vejo como nada ruim, mas como coisa boa, tanto que a folhinha ela murcha (Entrevista com a Sra. Caridade).

Não se pode negar que o aspecto social que as atividades de benzeção e puxação formam um amálgama que em certa medida cria uma unidade identitária. As práticas de cuidados alternativos estão para as comunidades assim como as manifestações culturais. Refletem uma espécie de essência dessa comunidade.

Isto posto, vale a reflexão: se as práticas de benzeção e puxação em Novo Aripuanã estão com os dias contados, como se percebeu em algumas falas dos colaboradores, como isso pode ser considerado um elemento pertencente à cultura local? Analisando os discursos, percebeu-se que não as práticas e a busca pelos cuidados da medicina popular que estão em crise, mas sim a habilitação de novo indivíduos para exercer a atividade. O universo do consumismo exagerado, das horas extenuantes de trabalho, da ideologia do capital que, cada vez mais empurra a comunidade para o individualismo e para a busca de realizações materiais como alvo mais importante da vida, tem transformado as concepções tradicionais de cuidado com os outros. Nesse sentido, fica difícil a instrução de novos puxadores e benzedeiro nessa e nas gerações vindouras, já que estão mergulhados em suas preocupações individuais e egoístas do dia a dia. Mas não se pode negar que o papel social dos sujeitos estudados nesse relato de experiência levam alívio e conforto a uma parcela da população que precisa demais do seus “médicos da fé”.

6. Considerações finais

Dessa forma, este artigo traz algumas informações relevantes sobre o ofício de puxadoras(es) e benzedoras(es) que atuam em Novo Aripuanã. De como cada uma dessas funções são importantes para aqueles que realizam o serviço e para quem os recebem.

Essas atividades são, em grande parte, uma herança familiar que é transmitida de geração em geração. É importante manter uma memória sobre estas práticas de modo a incentivar que elas não se percam, valorizando-as e garantindo sua continuidade.

A questão da religião é um ponto marcante nessa atividade, e está intimamente ligada ao catolicismo, e se afirma na fé tanto de quem oferece o serviço, quanto de quem o recebe. Vale destacar que todos os depoentes afirmam que seu serviço não possui fim lucrativo, pois devem ser realizados como atos de caridade e compaixão.

Por fim, deseja-se que esse relato de experiência tem sua relevância para documentar a história e a memória das práticas de benzer e puxar em Novo Aripuanã, de modo a oferecer suporte a futuros estudos que seguirem essa mesma linha temática. Espera-se ainda que cumpra o papel de prestar uma homenagem a esses sujeitos que muitas vezes, vistos a partir de estereótipos que precisam ser superados.

Apesar do possível desaparecimento da atividade de benzer e puxar em Novo Aripuanã o imaginário popular terá essa atividade presente por algum tempo, pois a tradição ainda resiste de alguma forma e faz parte do cotidiano da comunidade nas histórias contadas, nos personagens, e na cultura popular como demonstra a canção a seguir:

Vai logo no seu Pié
Costurar tua ragas dura
Ou lá no seu Adonaio
Tirar o mal olhado ou desmentidura
Curumim está de quebranto
Desconjuro, ave maria
Leva logo no Soni, Chinelo, Zequinha
ou na dona Ternila
Música: Mario Rubens
Letra: Mario Rubens e Gilmar Palheta

7. Fontes Orais

Brasil, Francisca Nascimento. **A Tradição de Benzer e Puxar em Novo Aripuanã: Um relato de experiência sobre a pesquisa em História.** Entrevista cedida á Jussara Brasil Menezes, Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

Brasil, Nilmo Nascimento. **A Tradição de Benzer e Puxar em Novo Aripuanã: Um relato de experiência sobre a pesquisa em História.** Entrevista cedida á Jussara Brasil Menezes, Novo Aripuanã, Amazonas, setembro de 2024.

Paes, Antônio Rodrigues. **A Tradição de Benzer e Puxar em Novo Aripuanã: Um relato de experiência sobre a pesquisa em História.** Entrevista cedida á Jussara Brasil Menezes, Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024.

Rodrigues, Ternila Lima. **A Tradição de Benzer e Puxar em Novo Aripuanã: Um relato de experiência sobre a pesquisa em História.** Entrevista cedida á Jussara Brasil Menezes, Novo Aripuanã, Amazonas, outubro de 2024

Silva, Maria Caridade Aquino da. **A Tradição de Benzer e Puxar em Novo Aripuanã: Um relato de experiência sobre a pesquisa em História.** Entrevista cedida á Jussara Brasil Menezes, Novo Aripuanã, Amazonas, fevereiro de 2024.

8. Referências

BEZERRA, Maria Luzinete de Lemos. *Sagradas Mulheres: Mistérios, Rezas e Bençãos.* Universidade Federal de Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Programa de pós-graduação em História. Recife. 2005.

CARVALHO, Luciana Gonçalves (Org.). *Tessume de histórias: os trançados do Arapiuns.* Rio de Janeiro: IPHAN, 2011.

DELGADO, Lucilia de Almeida Neves. **História oral e narrativa: tempo, memória e identidades.** *História Oral*, v.6, p.09-25, 2003.

DINIZ, Ericka Ellen Cardoso da Silva. *A arte de curar: saberes e práticas de Rezadeiras e Benzedeadas no cuidar da saúde.* V Congresso Nacional de Educação. 2020. Paraíba. 2023.

ELDA, Rizzo de. *O que é benzeção.* São Paulo: Brasiliense. São Paulo. 1985.

FERREIRA, Washington Soares, Jr. SANTORO, Rosa Flávia & ALBUQUERQUE, Wilisses. *Nossa história evolutiva: plantas medicinais e a origem e evolução da medicina.* NUPEEA. 1º Edição. Recife. Pernambuco. 2018.

MEIHY, José Carlos Sebe, Bom. HOLANDA, Fabíola. **HISTÓRIA ORAL: Como Fazer, Como Pensar.** 2ª ed. 8ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2020.

OLIVEIRA, Elda Rizzo de. *O que é benzeção.* 2a ed. São Paulo, Brasiliense, 1985.

UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS
LICENCIATURA EM HISTÓRIA MEDIADO POR TECNOLOGIA

RANKINGS, Scimago instituições. A medicina tradicional ribeirinha em vozes femininas.2023.

SARMENTO, Enos, Botelho. Dona Zita: Amazônida Que “Puxa” E Cura - Dores e Males do Corpo. Revista Discente de História da UFAC. Das Amazônias, Rio Branco –Acre, v.6, n.2, (jul-dez) 2023.

TAMBIAH, Stanley, Jeyaraja. *Cultura, pensamento e ação social: uma perspectiva antropológica*. São Paulo: Vozes, 2018.

VAZ FILHO, Florêncio, Almeida. **Pajés, benzedores, puxadores e parteiras**. 1 ed., v. 1. Santarém: Ufopa, 2016.